

O Espiritismo à luz da Crítica

Autor: Deolindo Amorim

CAPÍTULO I

AS IRMÃS FOX (*).

Os fenômenos de Hydesville – Pressão religiosa – Retratação – Segunda declaração de Margarida Fox – Recusada a hipótese de ventriloquia.

Começamos a nossa refutação pelas irmãs Fox. Conquanto a participação das irmãs Fox na origem do movimento espírita já tenha sido muito discutida, muito repisada na maioria dos livros e estudos relativos aos “raps” de Hydesville, não podemos deixar sem réplica algumas passagens em que o Padre Negromonte incide em falhas palmares, tanto na parte narrativa, como na parte interpretativa dos fatos. Se é certo que o escritor católico cita incidentes cuja veracidade não negamos, também é certo que esconde passagens das mais elucidativas no caso das irmãs Fox. Calculadamente ou não, o Padre Negromonte sacrifica a parte mais importante de toda a história das irmãs Fox e dos fenômenos de Hydesville, uma vez que, tendo apontado um episódio realmente contraditório, deixou de citar os documentos em que se prova, depois, a reabilitação moral de Margarida Fox, através de fatos posteriores.

Diz o Padre Negromonte que Margarida Fox se retratou, negou publicamente a

* Para as pessoas que não conhecem a literatura relativa às Irmãs Fox, figuras principais deste capítulo, parece-nos indispensável acrescentar algumas informações comuns, naturalmente já desnecessárias para os espíritas. As três irmãs Fox – LEA, MARGARIDA e CATARINA – passaram a figurar na história do Espiritismo, como elementos, aliás, de citação obrigatória, a partir de 1848, quando se verificou em Hydesville, nos Estados Unidos, os célebres fenômenos de ruídos e pancadas (‘raps’), cuja repercussão deu motivo a uma bibliografia hoje numerosa. As irmãs Fox eram de origem protestante, pois a família, pelo menos em parte, pertencia à denominação metodista. Quando surgiram as primeiras provas da mediunidade, no seio da família Fox, através dos inesperados e surpreendentes fenômenos de Hydesville, ainda não existia a Doutrina Espírita. Os fenômenos, a princípio, foram objeto de curiosidade popular, mas a verdade é que, depois, passaram a ser motivo de interesse científico tanto na América do Norte como na Europa. A Doutrina Espírita, com base nos fenômenos, veio mais tarde, com o conjunto de livros que constituem a *Codificação* de Allan Kardec. Criou-se, assim, a palavra *Espiritismo* juntamente com o corpo de doutrina organizado por Allan Kardec.

Das três irmãs Fox, como teremos ocasião de ver, a que teve situação de mais evidência, notadamente na imprensa, em razão das campanhas que contra ela se levantaram, foi Margarida. Eram ainda bem jovens quando ocorreram os fatos de 1848: Margarida tinha 14 anos, Catarina estava apenas com 11 anos, Lea ensinava piano, e era a mais velha. Catarina casou-se, na Inglaterra, em 1872, com o advogado H. Jencken, jurista conceituado, autor de um *Compêndio de Direito Romano*, e Secretário Geral da “Associação para a Codificação do Direito Internacional”. Jencken foi um dos primeiros adeptos do Espiritismo na Inglaterra. Margarida contraiu núpcias, nos Estados Unidos, com o Dr. Elisha Kane, médico, mas ficou viúva logo em 1857. Margarida e Catarina faleceram em 1890 e 1900, respectivamente. Lea casou-se um Underhill, homem de recursos, e teve divergências domésticas muito sérias com Margarida. Lea escreveu, mais tarde, um livro sobre os acontecimentos de Hydesville, publicado em 1885, por Knox & Cia., de N. York, mas de pouca divulgação. Calcula-se que a sua desencarnação tenha ocorrido no fim do século passado ou no começo do século XX.

Dos fenômenos de Hydesville, com a participação direta das irmãs Fox, surgiu o movimento denominado *Moderno Espiritualismo* (“Modern Spiritualism”), embora a História registre fenômenos extra-humanos desde os tempos mais primitivos. O movimento norte-americano, entretanto, não chegou a corporificar a doutrina. Até hoje, por exemplo, os espiritualistas norte-americanos, ingleses, nórdicos, etc. (*escola anglo-saxônica*) dizem “moderno espiritualismo” ou simplesmente “espiritualismo”, uma vez que não adotam a orientação de Allan Kardec. A doutrina espírita saiu da França, com a Codificação de Allan Kardec, e não dos Estados Unidos. Indiscutivelmente, porém, as irmãs Fox tiveram, no campo mediúnico, papel importantíssimo na história do Espiritismo. Devemos-lhes o mais justo reconhecimento.

Para melhor e minucioso conhecimento da vida e ação das irmãs Fox, apesar de se encontrarem referências na maioria das obras espíritas, indicamos a seguinte bibliografia:

“El Espiritismo (su historia, sus doctrinas, sus hechos)” – CONAN DOYLE – Edição Argentina de “Shapire”. A edição inglesa é muito rara.

“Origem Del Espiritismo y su doctrina” – Carlos Chiesa – Editora “Constancia”, de Bueno Aires.

“As heroínas de Hydesville” – Alfredo Miguel – (Monografia) – Bahia.

autenticidade dos fenômenos. Vamos provar, no entanto, com documentos da época, que Margarida destruiu cabalmente a retratação de que fala o Reverendo. Sob a pressão das circunstâncias, sem boa cultura filosófica, não pode Margarida resistir às insinuações de seus exploradores, como não pode neutralizar a persuasão dos que sobre ela exerciam influência religiosa. Utilizou-se o Padre Negromonte *apenas* de uma declaração negativa de Margarida Fox, declaração feita, aliás, muito depois dos fenômenos de Hydesville, mas não levou em consideração os fatores psicológicos que preponderaram na momentânea decisão da Sra. Fox. O Padre Negromonte sabe muito bem que, por meio de processos psicológicos, tanto é fácil *arrancar* uma confissão, como é possível forçar uma atitude ou até um testemunho falso. Nem é necessário recorrer à psicologia forense para saber que nem sempre se pode dar crédito a certos depoimentos, ainda que aparentemente espontâneos, desde que haja qualquer influência persuasiva. Uma das condições de validade do testemunho é a inteira liberdade de quem depõe, sem insinuações, sem interferências exteriores. Assim também são os depoimentos de ordem histórica.

Quando Margarida Fox escreveu as suas palavras de *condenação* e negação do Espiritismo, não estava inteiramente livre, psicologicamente falando. Não havia condições psicológicas favoráveis à tranquilidade e à reflexão. Vamos provar o que estamos afirmando. É verdade que Margarida Fox assinou a declaração transcrita pelo Padre Negromonte, em seu livro (pág. 11), mas está provado também, que a citada declaração foi anulada pouco depois, pelo próprio punho de Margarida Fox, e de modo categórico, quando reafirmou a exatidão dos fenômenos. Não convém ao Padre Negromonte contar o resto da história...

Seja por desengano de consciência, seja por exigência de ordem cronológica, nunca se deve desprezar qualquer documento elucidativo, principalmente quando está em discussão um fato que já pertence ao domínio da História. O Padre Negromonte citou a primeira declaração de Margarida Fox, exatamente porque interessa ao ponto de vista católico tudo quanto possa constituir elemento favorável à negação dos fatos espíritas; não citou, entretanto, a segunda declaração, que é um depoimento positivo, mais cauteloso, mais pormenorizado e, por fim, inteiramente favorável ao Espiritismo. Este critério entretanto, não se ajusta às boas normas de qualquer discussão histórica, porque não é recomendável transcrever ou aproveitar simplesmente o que convém, e deixar à margem o que não convém, desde que haja sequência de fatos, como no caso das irmãs Fox. O Padre Negromonte omitiu, aliás, um ponto importante, um elemento de indiscutível expressão documental, isto é, o depoimento em que Margarida Fox vem a público para desfazer todas as calúnias de que fora vítima, desde o começo das manifestações.

Eis aqui a declaração em que Margarida Fox nega os fenômenos espíritas:

"O Espiritismo é uma maldição ... (sic) Nenhuma pessoa equilibrada pode pensar de outro modo. Tive sempre plena certeza de que todos os fenômenos produzidos por minha irmã e por mim eram pura fraude. Não obstante tentei explorar o desconhecido, tanto quanto é dado aos homens. Fui aos mortos, para ver se me podiam dizer alguma coisa. Nada consegui, nada. Procurei obter algum sinal, mas nunca obtive resultado".

Este documento, à primeira vista, parece esmagador, definitivo, suficiente para liquidar o Espiritismo. O Padre Negromonte não hesitou em lhe dar primazia entre as maiores provas contrárias aos fenômenos espíritas. Fê-lo euforicamente, como se aí estivesse a última palavra sobre a questão. Tendo-se firmado neste documento, que é apenas uma parte mínima da história, o Reverendo não tomou conhecimento dos fatos que se seguiram à primeira declaração. Pelo menos, é o que parece.

Vamos *provar*, agora mesmo, que a própria Margarida Fox, logo no ano seguinte, em estado de serenidade, com inteira liberdade, destruiu tudo o que aí está, uma vez que sustentou claramente a realidade dos fenômenos espíritas. O Padre Negromonte leu muito sobre as irmãs Fox, mas não viu ou não quis ver esta parte... Louvou-se o Reverendo, em grande parte, no livro do Padre Herédia "O Espiritismo e o Bom Senso", assim como, em livros de outros escritores católicos, o que lhe permitiu, sem dúvida, fazer tábua rasa de fontes respeitáveis e bem documentadas, como se nada existisse fora da bibliografia católica. Citou escritores espíritas, é certo, mas o fez exclusivamente para extrair frases soltas.

No terreno da documentação histórica, o critério do Padre Negromonte peca pela omissão e pela falta de senso analítico. Ora, uma vez que houve duas declarações antagônicas, porque uma afirma e a outra nega, é claro que as duas deveriam ser confrontadas, com a indispensável indicação das datas, para que o leitor, de posse dos dois documentos, pudesse apreciar os fatos. Que fez, entretanto, o Padre Negromonte? Citou apenas *uma* declaração. Logo, pecou por omissão. A primeira declaração pública de Margarida é de 1888. Por espírito de prudência, porque é assim que se deve proceder em qualquer pesquisa histórica, o nosso digno opositor deveria investigar cuidadosamente os documentos e as circunstâncias posteriores, para verificar se, passada a situação em que se encontrava naquele ano, Margarida ainda manteve a mesma opinião ou se retificou alguma coisa do que dissera. Tal como se procede na pesquisa de fontes bibliográficas, também na pesquisa de documentos originais, é sempre necessário senão indispensável ir além do primeiro *achado*, precisamente porque, conforme seja o caso, um documento encontrado ou descoberto posteriormente pode reduzir muito e, em última hipótese, pode até anular todo o valor do primeiro documento em pesquisa de fontes portanto, nem sempre se deve dar o brado de *eureka*, logo no primeiro passo. Foi isto, exatamente, o que fez o Padre Negromonte, porque se deu por satisfeito com um documento apenas, e não levou em consideração pelo menos a possibilidade, muito admissível de aparecerem depois, documentos anulatórios. No caso das irmãs Fox, especialmente de Margarida, o Reverendo não demonstrou senso analítico em matéria histórica.

Vejamos, por exemplo, o que acontece com os chamados livros de consulta. Qualquer escritor ou tratadista, que defende uma tese ou doutrina, suponhamos, na primeira edição de um de seus livros, pode modificar parcialmente ou, às vezes, totalmente, as suas ideias básicas na segunda ou na terceira edição, desde que as circunstâncias o imponham. No intervalo de um, dois ou cinco anos, certas eventualidades podem sugerir modificações profundas no pensamento de um autor, como podem determinar a substituição integral de opiniões consideradas inabaláveis. Na pesquisa bibliográfica – que nos permita o inteligente e respeitável opositor a recordação desta regra elementar – quando há duas ou mais edições de uma obra, notadamente quando o autor ainda está *vivo*, sempre se deve procurar a última edição, e por uma razão muito simples: é que a edição mais nova está *em dia* com o pensamento do autor, no caso de haver alteração, acréscimo ou exclusão de algum ponto já considerado caduco na última edição. De uma edição para outra, embora a regra não seja absolutamente obrigatória, há sempre modificações ou acréscimos.

No caso de Margarida Fox, por força de maiores razões, o segundo depoimento, que o Padre Negromonte não indicou em suas citações, deveria ter significação muito maior, porque o primeiro fora escrito sob a coação de influências pessoais, como ela mesma viria dizer, pouco depois. Pela delicadeza da pesquisa, uma vez que se trata de matéria sujeita a controvérsia religiosa, dever-se-ia fazer o indispensável confronto entre os dois depoimentos, escritos em condições diferentes, a fim de que, à luz de tais elementos, se pudesse conhecer todo o fio da história. Não foi isto o que se deu; o Padre Negromonte não procedeu assim. Eis aqui a prova:

| I | II |
|--|---|
| Primeira declaração de Margarida Fox, CONTRA o Espiritismo(“) | Segunda declaração de Margarida Fox, FAVORÁVEL ao Espiritismo (*) |
| “Quando o Espiritismo principiou, Katie e eu éramos crianças, e esta velha, minha irmã, serviu-se de nós como instrumentos. Nossa mãe era simplória e fanática. O Espiritismo surgiu de um nada. Éramos crianças inocentes. Que é que sabíamos?” | “Minhas acusações eram completamente falsas. Minha crença no Espiritismo continua incólume. Os fenômenos se apoiam sobre fatos incontestáveis”. |
| (Esta declaração é de 24 de setembro de 1888). | (Esta declaração é de 16 de novembro de 1889). |

O Padre Negromonte, como estamos demonstrando, transcreveu apenas o primeiro documento, isto é, o de 1888, porque este contém expressões em que Margarida Fox *nega* a

“(*) NOTA – Todos os documentos aqui transcritos estão na obra de Conan Doyle, já citada.

realidade dos fenômenos espíritas. Por que, então, o Padre Negromonte não transcreveu também o outro documento, o de 1889, em que Margarida, um ano depois, *reafirma* a veracidade dos fenômenos e ainda acrescenta que a crença no Espiritismo *continua incólume*? Isto, sim, é o que seria correto, até mesmo por exigência da ética intelectual. É claro que a divulgação da segunda entrevista de Margarida poria por terra tudo quanto ela mesma dissera anteriormente, forçada por motivos íntimos.

Fica provado, portanto, que Margarida Fox destruiu, com as suas próprias palavras, a declaração em que ela se vira na contingência de *condenar* o Espiritismo. Agora, outro aspecto, e muito importante: Margarida arrependeu-se de haver escrito a ruidosa declaração contrária ao Espiritismo. Ela mesma confessa o *arrepentimento*, e o faz em termos incisivos, sem deixar a menor dúvida. Não se trata de mera conjectura nem de simples hipótese: são os documentos que o demonstram. Vamos apresentar as provas concretas. Entrevistada pelo jornal "New York Herald", em 1889, como já vimos, depois de haver negado a exatidão dos fenômenos, no ano anterior, o redator perguntou-lhe de propósito o seguinte: "*Havia alguma coisa de verdadeiro nas acusações que V. fez ao Espiritismo?*" Eis a resposta imediata de Margarida:

"Quando fiz aquelas declarações não era responsável por minhas palavras".

Que querem mais? A que declarações se refere? Justamente àquelas em que, constrangida, acusara o Espiritismo. Eis aqui, finalmente, a confissão do arrependimento:

"Queira Deus que eu possa reparar o dano causado ao movimento espiritista quando, sob o poderoso influxo de seus adversários, me permitiu acusações que não se apoiam em fatos reais".

Tão abatida ficara a sai alma, tão inquieta ficara a sua consciência, por haver cedido às insinuações dos inimigos do Espiritismo, que Margarida chegou a manifestar o desejo de vir a público, pela tribuna, reparar o mal que fizera à causa espírita. Provemo-lo com as suas palavras textuais. Perguntou-lhe o jornalista do "New York Herald" se, depois de tudo o que ocorrera, ainda pretendia fazer sessões mediúnicas. Que respondeu Margarida?

"Não – disse ela – pretendo dedicar-me a trabalhos de propaganda na tribuna pública, porque assim poderei refutar melhor as calúnias lançadas por mim contra o Espiritismo".

Não se diga que esse documento fora forjado ou preparado por meios sugestivos, uma vez que a própria entrevistada lhe ratificou a legitimidade, quando disse:

"Tendo lido a anterior resenha desta entrevista, nada encontro que não seja fiel expressão de minhas palavras e de meus sentimentos".

Tudo isso prova, acima de qualquer sofisma, que não tem valor algum, tanto sob o ponto de vista puramente documental, como sob o ponto de vista psicológico, aquilo que fora dito anteriormente, por insistências de terceiros interessados em desmoralizar o Espiritismo. Margarida Fox ainda foi mais positiva quando, completando as suas ideias, afirmou:

"Está fora da força dos falsários produzir qualquer materialização, e *desafio a quem quer que seja para produzir um "golpe" nas condições em que eu fiz*. Não há ser humano na Terra capaz de produzir os "golpes" da mesma maneira por que se produziram por meu intermédio".

(Os *golpes* ou “raps” são os fenômenos que, em 1848, na cabana de Hydesville, revelaram a mediunidade de Margarida Fox e demonstraram a presença de um espírito que, como homem, havia sido assassinado e enterrado misteriosamente naquele local).

Até aqui, à luz de provas documentais, apreciamos apenas o aspecto histórico do problema. Dentro do ponto de vista puramente histórico, já demonstramos que não tem consistência alguma o documento de que se serviu o Padre Negromonte, porque tal documento perdeu toda a expressão de segurança, uma vez que veio outro documento, e o anulou em termos claros, sem reticência nem vacilação. Passemos ao aspecto psicológico.

Em primeiro lugar, já está provado o arrependimento de Margarida, elemento psicológico de grande importância na apreciação do problema; em segundo lugar, ela mesma declara que acusou o Espiritismo *sob o poderoso influxo de seus adversários*, isto é, adversários do Espiritismo. Ora, uma vez que houve constrangimento, perde todo o valor aquilo que o Padre Negromonte apresenta como a *sentença de morte* do Espiritismo. Que significação histórica ou moral pode ter um documento, quando o próprio signatário desse documento confessa que o escreveu sem liberdade, sob a coação de sugestões constantes? O Padre Negromonte não faz referência a este ponto, que é, aliás, de indiscutível importância na vida de Margarida e na gênese do movimento espírita. Não diz o nosso adversário que Margarida sofreu vexames para negar o Espiritismo; no entanto ela própria o revela, com isenção de ânimo e já senhora de suas opiniões e sua responsabilidade. Fá-lo em linguagem franca e clara:

“Nessa época eu me encontrava muito necessitada de dinheiro, e algumas pessoas, cujos nomes prefiro silenciar, se aproveitaram de minha situação. Daqui vem todo o mal que, unido à excitação que me dominava, contribuiu para o meu desequilíbrio mental”.

Vê-se, portanto, que Margarida Fox não estava em boas condições psicológicas quando atacou o Espiritismo. Seu conselheiro espiritual reprovou-lhe a atitude negativa, tanto assim que lhe deu conselhos insistentes para que não demorasse em *reparar* a falta que havia cometido, quando chegou a negar até a sua mediunidade, por injunções a que não soubera resistir! Quem o diz é ainda Margarida, e ninguém melhor do que ela para esclarecer toda a situação em que esteve envolvida:

“Fui constantemente aconselhada pelo Espírito que me guia acerca do que devia fazer, chegando à conclusão de que era inútil demorar por mais tempo minha retratação”.

Suas irmãs também lhe censuraram o procedimento, porque tinham conhecimento direto dos fatos, e sabiam que não havia fraude nem alucinação. Como observa conceituado historiador e publicista espírita, *a decisão de Margarida fez emudecer e estremecer de espanto a suas irmãs* ⁽¹⁾. Margarida traiu-se, fez o que não queria fazer. Que significa isto? Ação persistente e persuasiva de pessoas interessadas em desacreditar o médium e, assim, destruir a base do Espiritismo por meio de declaração intempestiva, cujo conteúdo não exprimia, como já provamos, o verdadeiro sentimento de Margarida.

Não se pode compreender bem a contradição em que incidiu Margarida Fox, sem examinar criteriosamente o fenômeno psicológico de sua luta interior em face das circunstâncias em que se encontrava, no momento em que chamou o Espiritismo de *maldição* (!) e abjurou publicamente as suas ideias. Tais fatos ocorreram no fim do século passado, quando Margarida já era viúva e estava em idade maior de cinquenta anos. O Padre Negromonte empresta significação relevante e decisiva ao fato de haver Margarida *amaldiçoado* o Espiritismo, como se fosse a resolução final, mas não observa que a angustiada Senhora vinha sendo assediada há muitos anos, por seu marido e por outras pessoas, dentro de uma espécie de círculo de ferro, para aceitar a Religião

¹ Carlos Chiesa – Obra citada.

Católica, embora estivesse nos Estados Unidos, país de maioria protestante. Tendo-se casado com o Dr. Elisha Kane, que era médico e homem de formação ortodoxa, Margarida passou a ser constantemente doutrinado pelo esposo a fim de abandonar para sempre a prática mediúnic. Podemos imaginar muito bem a batalha íntima de Margarida para se desvencilhar da ação do marido. O Dr. Kane, pela sua condição de médico, tinha mais cultura do que ela e, destarte, exercia influência dominadora sobre o pensamento de Margarida.

Pelo que leu a respeito desta história, o digno opositor deve saber que o Dr. Kane chegou a apelar para a outra irmã – Catarina Fox – e pedir, quase suplicando, que o auxiliasse a afastar a sua mulher do caminho *diabólico*... Houve ou não houve intensa campanha religiosa para converter Margarida à Igreja Católica? Houve, sim. Por que o Padre Negromonte não relata os fatos como eles se passaram? Desde o tempo de noivo, aliás, quando Margarida ainda era jovem, o Dr. Kane insistia em seus propósitos contra a continuação das atividades mediúnicas de sua futura esposa. As faladas *cartas de amor* do Dr. Kane, quando noivo de Margarida, provam suficientemente o trabalho de catequese contra o Espiritismo. De uma das cartas de Kane, dirigida a Catarina (irmã de Margarida), extrai-se, por exemplo, a seguinte recomendação.

“Segui os meus conselhos e não faleis mais de Espiritismo, nem a amigos nem a estranhos. Já sabeis que, depois de todo um mês de provas, não temos podido, Margarida e eu, tirar nada a limpo. Nisto há um grande mistério”.

De uma feita, quase desesperado, Kane exclamou em tom patético: “*Pobre Margarida!*” Era assim a sua linguagem em relação à noiva. Apesar de médico, Kane era místico e um tanto exaltado.

Os fenômenos de além-túmulo não dependem da vontade do médium nem de quem quer que seja. Nada mais natural do que o fato de haver Kane tentado obter manifestações e não ter podido *tirar a limpo* as suas dúvidas. Daí recorreu à porta larga: *mistério!* Ora, a ideia de mistério não é argumento. Voltemos à influência de Kane sobre Margarida Fox. Uma vez casada, e para não perturbar a harmonia conjugal, Margarida cedeu à vontade do marido. Recolheu-se temporariamente, não cuidou mais de experiências mediúnicas. Não foi propriamente uma capitulação absoluta. Nesse período, que já era de angústia, fortemente sugestionada pela dialética do marido, que tinha argumentos mais persuasivos, em razão de sua cultura intelectual, Margarida referiu-se muitas vezes ao Espiritismo com palavras condenatórias, embora sentisse, no íntimo, o desejo de continuar a trabalhar pela causa cuja defesa lhe parecia justa e necessária. Observa muito bem o nosso confrade Alfredo Miguel, a quem se deve ótimo estudo sobre as irmãs Fox:

“A influência sugestiva do Dr. Kane sobre a esposa, no sentido de incompatibilizá-la com o seu caro ideal, tinha por objeto convencê-la de que as faculdades eram malélicas, ou injetar-lhe na alma o vírus da dúvida”. (2)

As atitudes de Margarida deixam transparecer muito bem a persuasão religiosa: de um lado, a predominância do marido, em cujo radicalismo se denunciava a ascendência dos antigos *puritanos* (seita de notória projeção da história dos Estados Unidos, principalmente pela sua fidelidade à Bíblia, tida como o único livro depositário da verdade); de outro lado, os interessados em propalar que todos os fenômenos de que Margarida fora instrumento não passavam de pura farsa ou *arte do diabo*. Margarida vivia, como se vê, entre dois fogos. É fácil avaliar, à luz de tais antecedentes, o profundo conflito de consciência que lhe afligia a desorientada existência. Através de toda a sua acidentada história, Margarida foi, como se diz vulgarmente, *trabalhada* com habilidade e afinco para repudiar o Espiritismo e entrar para a Igreja Católica Romana. A pressão religiosa influenciou, portanto, nas atitudes contraditórias, até hoje exploradas pelos adversários mais intransigentes do Espiritismo. Tão forte foi a ação de seus mentores, que Margarida chegou a tomar a resolução de abraçar o Catolicismo e abandonar definitivamente a prática mediúnic. Nesse estado de espírito, abatida espiritualmente pela profunda depressão em que se encontrava,

² Alfredo Miguel – Obra citada, Bahia, 1948.

constrangida e desprezar a voz da consciência para atender às solicitações e insistências do ambiente, saiu-lhe da pena, como que de um jato, a irrefletida declaração em que *condenou* o Espiritismo. Vejam-se os próprios termos da declaração, e logo se nota a influência católica.

Observe-se bem que a negação de Margarida, na ruidosa declaração publicada em 1888, começa por uma expressão usualmente católica: *O Espiritismo é uma maldição* (sic). Ora, *maldição* é palavra comum no vocabulário católico. Ai está, sem a menor dúvida, a *marca* da influência católica, até na maneira de se expressar. A preferência por determinadas palavras, em muitos casos, denuncia processos sugestivos e é um dos elementos valiosos em qualquer análise psicológica. Conhece-se, muitas vezes, a filiação doutrinária de um indivíduo e até mesmo a fonte de inspiração de que ele se socorre, quando se lhe identificam as palavras mais frequentes. Pela linguagem, pelos termos que lhe são preferenciais, apesar de todos os disfarces, qualquer indivíduo pode revelar a origem de certas atitudes e de seus mais íntimos pensamentos. Pelas concepções, pelas imagens, pelas comparações de um orador por exemplo, já se pode distinguir, até, a formação profissional – se é engenheiro, se é jurista ou médico – tal a relação que se estabelece naturalmente entre as formas de expressão e as solicitações da vida profissional. Não é necessário ser psicólogo para fazer verificações neste terreno, uma vez que a experiência diária, embora não constitua regra geral, fornece exemplos frequentes na oratória política, nas polêmicas doutrinárias, etc.

Nos casos de sugestão ou proselitismo, a investigação psicológica pode encontrar muito bem, pelo uso repetido de certas expressões, o ponto de partida de muitas situações íntimas, como de muitos conflitos emocionais. Dentro desta ordem de ideias, não seria possível excluir o fator religioso nas expressões de Margarida. Sua linguagem seria outra, naturalmente, se houvesse recebido influência materialista: teria dito, por exemplo, que o Espiritismo é pura ficção, é abstração, produto da imaginação, etc., uma vez que a dialética do materialismo, rigorosamente adstrita à realidade sensível, relega ao plano de ficção tudo o que é imponderável, tudo quanto escapa aos sentidos humanos. É claro que não haveria lugar, na terminologia materialista, para *maldição*, *poder diabólico* ou qualquer outra expressão equivalente. Temos de inferir portanto, que a linguagem usada por Margarida, tal como se lê na declaração em que atacou o Espiritismo, está fortemente impregnada de sugestão religiosa. Não podemos, pois, chegar a outra conclusão, a não ser a de que, pelas suas condições espirituais, sob a ação dos fatores emocionais que lhe determinaram tantos procedimentos vacilantes, *Margarida Fox negou o espiritismo por força da influência católica*. É o que demonstram, sensatamente, as circunstâncias em que se desenrolaram todas as alternativas de sua existência.

Já vimos o aspecto histórico e o aspecto psicológico do problema. Passemos ao aspecto moral. Entremos, pois, na parte em que o Padre Negromonte se julga mais seguro para destruir o Espiritismo. Antes de qualquer comentário, convém dizer que, em carta dirigida à Senhora Cootell, de Londres, no mesmo ano em que Margarida cometera a irreflexão de *condenar* o Espiritismo (1888), uma de suas irmãs, Catarina Fox, dizia o seguinte:

“Minha surpresa foi tão grande ao conhecer as declarações de Margarida sobre o Espiritismo, que não tive ânimo para escrever-lhe nada”.

Vê-se, não resta dúvida, que a atitude de Margarida tivera efeito desconcertante no seio da própria família. A história dos fenômenos de Hydesville, especialmente em relação a Margarida Fox, que é a figura principal, tem duas faces distintas:

- a) Os fatos, em si, com as provas até hoje não destruídas; e
- b) O desvirtuamento, o mau uso da mediunidade, a exploração.

O mau uso da mediunidade é um fato de ordem moral, ao passo que a existência da mediunidade, a demonstração experimental do fenômeno é um fato de ordem científica. A aplicação da mediunidade, quando bem orientada por princípios morais, é problema normativo, enquanto a verificação do fenômeno é problema científico. O lado moral da questão, com todas as suas falhas, não destrói o lado verdadeiro da mediunidade, porque existem provas documentadas.

Das três irmãs Fox, foi Margarida a que passou por mais dificuldades. Vítima da exploração, forçada por necessidades econômicas, cometeu faltas gravíssimas, no quadro geral das fraquezas humanas. Não foi ela, entretanto, o primeiro médium a incorrer em deslizos. Muitos outros médiuns tiveram as suas contradições, seus erros, seus momentos de infelicidade. O médium é uma criatura humana como qualquer outra. Mediunidade é sacrifício, é sacerdócio espiritual, quando dirigida para o bem, mas não é auréola de santidade. Nenhum médium está absolutamente isento de certas imposições terrenas. O mérito está justamente na resistência aos arrastamentos e aos interesses. O médium estuda, educa-se, exercita-se na prática do bem e da renúncia, justamente para que, assim, possa adquirir ou conquistar qualidade que lhe permitam superar as conveniências e seduções de ordem humana. Daí a advertência evangélica, que se aplica também aos médiuns, e em todos os momentos: *orai e vigiai!*

Margarida Fox não teve bons orientadores. A mediunidade manifesta-se na modesta cabana de Hydesville, quando ela ainda era menina, mas não foi bem cuidada; despertou muita curiosidade, provocou sensacionalismo, abalou o materialismo e o ceticismo de muitas pessoas, atraiu alguns homens eminentes para as fileiras do Espiritismo, como o governador Tallmadge, Robert Owen e outros, mas a verdade é que não teve, como não podia ter, a assistência zelosa de que necessitam, indispensavelmente, todas as formas de comunicação com os espíritos. Tempos depois, começaram a surgir grupos e centros em profusão, sem doutrina, sem normas básicas, sem espírito filosófico. Ainda não existia a doutrina espírita. A mediunidade chegou a ser praticada, na América do Norte, até mesmo como objeto de adivinhação e divertimento!... A doutrina, como o nome de *Espiritismo*, viria depois, com a Codificação de Allan Kardec.

Há muita diferença, senão profundo antagonismo, entre praticar a mediunidade a esmo, sem cogitações elevadas, sem conhecimentos doutrinários, como se praticava, a princípio, na América do Norte, e fazer da mediunidade, como prescreve o Espiritismo, um meio de progresso espiritual, um instrumento de reforma moral. Desde que tenhamos em vista o ambiente e a época em que se verificaram os fenômenos de Hydesville, não nos deve causar tanta estranheza a desorientação com que se fizeram as primeiras experiências. Hydesville era, no século passado, pequena e obscura localidade, nas imediações de Rochester, Estado de Nova Iorque. Ora, Margarida Fox, ainda sob a atmosfera de curiosidade provocada pelos primeiros fenômenos, transportara-se para Nova Iorque, cidade grande, com estilo de vida muito diferente do estilo habitual da pequena povoação onde vivia. Sua mediunidade, exposta naquele grande centro populoso dos Estados Unidos, sofreu desvirtuamentos, não propriamente pelos fenômenos, mas pelos abusos, pela falta de cautelas: má direção das faculdades mediúnicas. Quando a mediunidade é mal dirigida, tem consequências ruinosas. Elementos oportunistas e interesseiros aproveitam a mediunidade de Margarida para fins comerciais. As sessões realizadas em teatro, clubes, etc., com assistência numerosa, mas destituída de preparo espiritual, tiveram efeito positivos por um lado, uma vez que produziram fenômenos, mas tiveram efeito negativo por outro lado, visto como tais sessões algumas vezes, foram organizadas pelos exploradores de Margarida, com intuítos lucrativos. Que culpa tem o Espiritismo de haver gente inescrupulosa, até mesmo quando se trata do lado espiritual da vida? Margarida, como simples médium, sem formação doutrinária, era apenas um instrumento, pois havia a necessidade, naquela hora, de fatos concretos. E os fatos vieram, por intermédio da família Fox, em Hydesville.

Nenhum argumento religioso ou filosófico seria capaz de despertar muitas pessoas da negligência e do ceticismo em relação ao profundo e grave problema da imortalidade da alma. Nem todos, porém, compreenderam o *fim* principal dos fenômenos extra-humanos, porque nem todos podiam ter a necessária embocadura intelectual para dar interpretação filosófica a certos fatos inabituais. Até certo ponto, as exposições eram necessárias, pois não havia outro meio mais prático para provocar a comunicação dos espíritos. Impunha-se, portanto, a produção de fenômenos materiais, como pancadas, ruídos, levitação, etc. Os próprios espíritos julgaram oportuna a propaganda, tanto assim, que chegaram a determinar que as irmãs Fox saíssem de Hydesville, e por uma razão muito compreensível: as provas da sobrevivência da alma, através das manifestações tão concretas, deviam ser apresentadas em cidades importantes, como Nova Iorque e outras, tanto mais que o povo norte-americano, em grande parte, apesar de sua formação religiosa, originariamente vinculada ao Protestantismo, estava muito imbuído da chamada filosofia prática, cuja repercussão, levada ao exagero, como ainda hoje, criou uma concepção inteiramente inspirada no sentido utilitário e imediato da vida, sem grande preocupação com os valores espirituais. A princípio rebeldes às recomendações espirituais, as irmãs Fox – como diz Bozzano – “terminaram por obedecer à vontade dos defuntos, tornando-se,

por sua vez, vítima de perseguições inauditas, as quais chegaram, algumas vezes, a extremar-se a ponto de só por milagre se livrarem de ser massacradas por multidões fanáticas” (3).

Em Nova Iorque, porém, Margarida deixou-se explorar, com o decorrer dos tempos. Os fenômenos repetiram-se, apesar de tudo. Poder-se-á perguntar: e a assistência de seu mentor espiritual? A assistência espiritual tem limites, pois é indispensável não perder de vista o fato de ser o médium dotado de livre arbítrio, como as outras criaturas humanas. Embora o livre-arbítrio seja relativo, porque está na dependência do adiantamento espiritual, o médium tem vontade própria, a não se, nos casos excepcionais, quando o domínio do espírito já é absoluto. Qualquer médium está sujeito a ser experimentado, e é natural que tal aconteça, a fim de que se lhe ofereçam oportunidades para exercitar a sua capacidade, os seus meios de resistência aos perigos e às seduções do mundo. Que houve abuso da mediunidade nessa fase, não há dúvida alguma; o abuso, porém, nada prova contra a existência da mediunidade nem justifica a negação sistemática dos fenômenos. Sob o ponto de vista moral, segundo a doutrina espírita, qualquer prática abusiva da mediunidade é reprovável. A inexperiência e os erros de um médium mal encaminhado, entretanto, não sobrepujam a importância dos fatos, quando eles são reais, como no caso de Margarida Fox. Ponhamos a questão em termos claros: o que está em causa, no momento, é a autenticidade dos fenômenos, não são as falhas humanas do médium. O Padre Negromonte deixou a parte substancial da questão, isto é, o exame dos fatos, à luz dos documentos, dos testemunhos e das provas, finalmente, e ficou na orla do assunto, porque a sua argumentação se prende mais a episódios que não passam de inevitável decorrência da falibilidade humana. Não negamos as contradições e a imprevidência de Margarida Fox, mas é justo que lhe reconheçamos qualidades e atitudes meritórias. Não devemos fugir, todavia, à discussão da tese central: a realidade dos fenômenos. Houve ou não houve fenômenos? São ou não são autênticos os ruídos que deram origem ao movimento iniciado em Hydesville?

O Reverendo argumenta, insistentemente, com as fraquezas da médium, ao passo que o ponto fundamental da questão é demonstrar se realmente ocorreram os fenômenos ou se tudo aquilo não passou de uma farsa, de pura mistificação. Deixemos, pois, a parte pessoal da história, ponhamos de lado a imperfeição humana, e entremos diretamente na parte mais sensível da discussão: **os fatos**. Diz o Padre Negromonte: *Tudo era fraude*. Diz, mas não prova. Cita algumas expressões de Margarida, contrárias ao Espiritismo, principalmente a de que tudo aquilo era *pura falsidade do princípio ao fim*, mas já demonstramos, com outro documento, que Margarida retificou as suas declarações, e de modo positivamente favorável ao Espiritismo. A retificação invalidou, portanto, o documento transcrito pelo nosso antagonista.

Vamos demonstrar, com provas históricas e argumentos lógicos, que a hipótese de farsa ou mistificação é insubsistente, inteiramente inócua, porque as circunstâncias em que se deram os fenômenos não permitem, sensatamente, que se admita a possibilidade ou a simples conjectura de fraude ou embuste. Não pode haver fraude sem que haja condições adequadas. Argumentemos com as seguintes proposições iniciais:

Em primeiro lugar, as duas irmãs Fox (Catarina e Margarida) eram muito jovens, muito inexperientes, e não tinham, portanto, a necessária habilidade para enganar a tanta gente por meio de uma farsa.

Em segundo lugar, a família Fox ficou desorientada com a reprodução dos fenômenos durante dias seguidos, circunstância inteiramente desfavorável à hipótese de farsa.

Analisemos o primeiro argumento. Ainda que tivesse havido fraude no começo, tudo seria descoberto logo depois, porque os assistentes, na maioria, céticos e descrentes, estavam dispostos a desvendar o *segredo* até mesmo por meios violentos. Não haveria trapaça ou mistificação que pudesse resistir, naquela situação, ao rigor dos espectadores inteiramente contrários ou indiferentes à ideia de comunicação dos espíritos. Como poderia uma farsa ou mistificação durar tanto tempo, por mais engenhosa que fosse? O bom senso está a dizer que

³ Ernesto Bozzano – “Breve História dos Raps” – (Monografia incluída, posteriormente, no volume intitulado “Seleções”, publicado pela Livraria Allan Kardec Editora, de S. Paulo. Prefácio e tradução de Francisco Klörs Werneck).

qualquer mistificação, em tais condições, seria logo desmascarada. No entanto os fenômenos continuaram, repetiram-se por muito tempo, apesar de todo o espanto da própria família Fox e de todas as precauções dos assistentes. Se, por exemplo, certos prestidigitadores profissionais, embora saibam iludir e impressionar bem, já foram desmascarados em determinadas experiências, muito mais fácil seria descobrir qualquer fraude das irmãs Fox, porque eram jovens tímidas, sem preparo, sem desembaraço suficiente.

Diz o Padre Negromonte:

"Todos sabem que é fácil iludir o público com fenômenos de aspecto sobrenatural".

Realmente é fácil iludir o público, não resta dúvida, mas é muito fácil também, pela continuação de experiências rigorosas, por a descoberto qualquer fraude ou embuste. Entretanto *ninguém descobriu fraude na cabana de Hydesville*. Não tendo encontrado terreno firme para provar a sua afirmativa, o Padre Negromonte apelou para uma explicação inteiramente destituída de objetividade: as irmãs Fox, quando crianças, eram muito *levadas*, faziam travessuras, gostavam de simular *assombração*; logo, os fenômenos atribuídos aos espíritos eram pura farsa, porque as irmãs Fox já traziam propensão para a fraude, para a simulação desde a infância. É assim que, a esta altura da discussão, o Padre Negromonte procura esclarecer o mistério das irmãs Fox... Ora, as mistificações nem sempre se repetem muito, no mesmo lugar, e perante os mesmos assistentes, principalmente quando estes estão de espírito prevenido. Uma das características mais impressionantes dos fenômenos de Hydesville foi a repetição, a regularidade, apesar de toda a prevenção observada no ambiente. Na opinião do Padre Negromonte, porém, a hipótese de farsa ou mistificação é perfeitamente cabível, porque as irmãs Fox, na meninice, eram muito traquinas... Afinal de contas, qual a criança que não faz travessuras?

Pelo que já se sabe, hoje em dia, com a evolução da Pedagogia e dos modernos processos de investigação da psicologia infantil, a criança que não brinca, que não faz *diabruras* próprias de sua idade, tem qualquer deficiência psíquica ou orgânica, não é uma criança normal. Já se vê que as irmãs Fox, com as suas travessuras, estavam no mesmo plano de todas as crianças normais. Nada de extraordinário, portanto. Não há, pois, relação alguma entre o comportamento das irmãs Fox, quando crianças, e os fenômenos de que, mais tarde, as duas jovens vieram a ser médiuns. Não sabemos como e por que o nosso adversário foi buscar nas brincadeiras das meninas Fox, justamente no período em que toda criança brinca, faz barulho, cria problemas, cai, machuca-se, uma espécie de *revelação* para denunciar a falsidade dos fenômenos. A dedução do Reverendo está muito forçada, ultrapassa os termos de qualquer observação ponderada. É impossível, absolutamente impossível, demonstrar a existência de farsa ou embuste por um processo de associação, cujos elementos não têm pontos de conexão no tempo e no espaço, uma vez que os fenômenos de Hydesville se verificaram em condições especiais, sem relação alguma com as cenas habituais da infância das jovens Fox, tendo-se repetido em lugares diferentes, ora em Rochester, ora em Nova Iorque. Vejamos, finalmente, o curioso raciocínio do escritor e teólogo:

Assim como as irmãs Fox, quando crianças, sabiam simular "assombração", pois eram muito travessas, também poderiam simular manifestação de espírito.

Daí, tendo partido de uma premissa tão discutível quanto superficial, chegou a uma conclusão fulminante: *tudo era fraude!* Isto é o que se pode chamar um raciocínio simplista, uma conclusão frágil. Dentro deste processo de inferência, que se ressentia de absoluta falta de lógica, poderíamos admitir, por generalização, que qualquer pessoa, pelo simples fato de haver sido muito irrequieta e astuciosa em criança, seria capaz de mistificar com perfeição, como poderia promover falsas sessões espíritas, e ninguém descobriria a fraude... Abstenhamos-nos de quaisquer outros comentários, porque estamos diante de uma tentativa de *explicação* completamente abstrata.

Passemos ao segundo argumento, isto é, o de que é impossível admitir a fraude nas condições em que se encontrava a família Fox. A organização de uma fraude, uma farsa de qualquer tipo depende da concordância dos participantes. Não havia concordância da família Fox

em relação aos ruídos, porque todos em casa, estavam alarmados com os estranhos fenômenos. Como pois, *encaixar* a hipótese de farsa ou mistificação, se o ambiente era de temor e inquietação? Por mais inteligente e engenhosos que sejam os farsantes, toda farsa carece de tempo suficiente, de calma e coragem para enfrentar os riscos de uma investigação severa. Não se prepara uma farsa de um momento para outro, sem que os farsantes estejam compenetrados do papel que vão desempenhar. Vamos demonstrar, não apenas pela dedução, mas ainda pelas provas concretas, que as condições eram absolutamente negativas para mistificação ou farsa no lar dos Fox. Os motivos são os mais compreensíveis:

- 1) Não havia calma, que é um fator decisivo para a farsa, porque a família ficou horrorizada, sem saber o que fazer para se libertar daquela situação.
- 2) Faltava segurança para uma farsa habilmente preparada, uma vez que a família Fox não conhecia a causa dos fenômenos e, além disto, não estava exercitada para fazer imitação de manifestações que lhe eram absolutamente estranhas.
- 3) Faltava coragem, porque toda a família Fox estava com *medo*, e o farsante ou mistificador deve ser, antes de tudo, um indivíduo de sangue frio, corajoso, indiferente a qualquer escrúpulo moral.

Não é crível que alguém, judiciosamente, queira sustentar a hipótese de fraude, quando o ambiente, pelo que estamos observando, era todo infenso a tamanha temeridade, pois no lar da família Fox ninguém se entendia durante os dias em que se sucederam os fenômenos: tudo era inquietação, espanto, desespero! Ainda que houvesse ali, algum farsante muito prático, muito habilidoso, não encontraria meios para organizar uma farsa.

Até aqui, no que diz respeito à fraude, refutamos o livro do Padre Negromonte apenas no terreno da dedução. Temos porém, documentos, em que fica provado cabalmente, que as irmãs Fox e seus pais não queriam, de forma alguma, a continuação dos fenômenos em sua casa. Os documentos demonstram, portanto, que não havia fraude, visto como os fenômenos se repetiam *contra a vontade* da própria família. Poderá o Reverendo ou qualquer teólogo destruir este argumento? Parece-nos difícil. Eis aqui, por exemplo, as palavras textuais da Senhora Fox, mãe das jovens médiuns:

"Considero uma desgraça morar nesta casa, e só desejo é que a verdade seja conhecida e se explique claramente o que ocorre. Nenhuma intervenção tenho nesses fenômenos. Tudo o que posso dizer é que são ouvidos repetidamente".

(Destacamos, de propósito, a afirmativa centra, para demonstrar, mais uma vez, que não houve intervenção humana).

Pelo desejo da família Fox, como se vê, jamais se verificariam tais fenômenos dentro de sua casa. Apesar disto, os fenômenos continuaram... Nem as orações dos pais, que eram religiosos, conseguiram afastar o espírito. As pancadas ou "raps" prosseguiram até 31 de março de 1848, quando se deu uma espécie de explosão, pois os ruídos se acentuaram de tal forma que a própria vizinhança ficou alarmada. As duas irmãs Fox ofereciam toda a resistência possível, a família pedia misericórdia, mas o espírito continuava a bater, a produzir os *misteriosos* ruídos. E diga-se que tudo isso era farsa, embuste, mistificação!... A casa fora rigorosamente revistada, tomaram-se precauções para descobrir alguém, que porventura estivesse escondido, e nenhum vestígio de brincadeira nem ardil humano se encontrou. Quem o diz, e com indiscutível imparcialidade, é John Fox, o chefe da família:

"Eu não conheço a causa desses estranhos ruídos, nem se foram produzidos por meios naturais. Revistamos toda a casa, em horas diferentes, para comprovar a possibilidade de alguém se haver escondido com o intuito de produzir os fenômenos,

porém, nada encontramos”.

Como John Fox, ninguém conhecia a verdadeira causa dos fenômenos, o que deu motivo a diversas hipóteses, algumas delas, até, absurdas e artificiais. Temos outro depoimento da família. Lea Fox, a mais velha das três irmãs, a que pressentiu logo as consequências religiosas dos fenômenos, na opinião de Conan Doyle, tendo escrito, mais tarde, um opúsculo sobre as ocorrências de Hydesville, veio provar, mais uma vez, que a família Fox se opunha, por todos os meios, à repetição dos “raps”, o que afasta, portanto, a idéia de farsa ou embuste. Parece que o Padre Negromonte não leu as palavras de Lea Fox. Ei-las:

“O sentimento geral de nossa família foi resolutamente contrário àqueles fatos, estranhos e comprometedores. Nós os consideramos um grande infortúnio caído sobre todos nós, sem sabermos como, de onde, nem por que. Resistimos, lutamos e, constantemente, rogávamos para nos vermos livres daquele pesadelo, inclusive sob a fascinação daquelas maravilhosas manifestações, que se nos impunham, contra a nossa vontade, por meios invisíveis...”.

Observe-se bem a afirmativa de Lea Fox: *contra a nossa vontade*. Os fenômenos não dependiam como se vê, de qualquer premeditação ou habilidade humana. Fala ainda Lea Fox, e de maneira incisiva:

“Como não podemos permanecer sob a acusação de sermos impostoras, estamos dispostas a nos submeter a uma honrada e severa investigação, com a condição de que se nomeiem três homens e três mulheres para que estejam presentes à prova. Podemos assegurar ao público que ninguém mais do que nós, está interessado em descobrir a verdadeira origem das misteriosas manifestações. Se é que se podem explicar segundo *princípios anatômicos* ou fisiológicos, o mundo merece a investigação que propomos, e que a farsa seja descoberta”.

Não pode haver maior demonstração de segurança e honestidade das irmãs Fox. Quem esconde intuítos fraudulentos, quem pretende mistificar não tem coragem de pedir uma prova com a presença de seis testemunhas! Nenhum farsante ou mistificador, por mais aguda que fosse a sua sagacidade, seria capaz de se oferecer para uma investigação pública, porque teria receio de ser desmascarado.

Tudo se fez para desmoralizar as irmãs Fox. Uma senhora, de nome Norma Culver, propalou que Catarina Fox lhe havia revelado o segredo dos golpes medianímicos. Outros foram mais longe, porque inventaram a hipótese da ventriloquia, como tentativa para desvendar o mistério. As irmãs Fox seriam, pois, ventríloquas, e estaria tudo explicado... Contra tudo isto, porém, existem as provas. O próprio diretor no jornal “New, York Tribune”, em cujas colunas se dera curso à curiosíssima hipótese anatômica da articulação da rótula, teve a hombridade jornalística de afirmar, depois, que os doutores da Universidade de Búfalo, os três autores dessa insubsistente *explicação científica* (?) “levantaram acusações em que eles mesmos funcionaram como juiz e como parte”, visto não ter havido sequer um fato que pudesse confirmar a propalada causa anatômica nem fisiológica dos fenômenos. Do artigo publicado por Horácio Greefley, diretor do “New York Tribune”, podemos reproduzir, por exemplo, o seguinte trecho:

“Passamos três dias a operar com elas (irmãs Fox), e seria a maior das covardias não declarar que estamos convencidos, sem a menor dúvida, da integridade e boa fé que resplandeceram nas experiências. Qualquer que seja a origem dos ruídos, afirmamos que não eram fruto de fraude cometida pelas senhoritas em cuja presença se produziram. Sua conduta e maneira de comportar-se não são as de um embusteiro, e ninguém que as conheça a fundo pode crer que sejam capazes de uma trama tão torpe, ímpia e perigosa. Além disto, não é possível que semelhante engodo pudesse

durar tanto tempo”.

Ainda que tantos depoimentos não fossem suficientes para demonstrar que os golpes ou “raps” não procediam, como erradamente se supôs, de causas físicas ou naturais, mas de uma causa extra-humana, bastaria o conjunto de experiências e provas a que foram submetidas as irmãs Fox, em Rochester. Organizaram-se três comissões de investigação. A primeira comissão não chegou a resultados totais; apenas reconheceu que os “raps” *eram indubitavelmente fatos reais*; abstém-se de opinar sobre a origem dos fatos. A comissão ficou entre a dúvida e a certeza, porque, em seguida, declarou que as respostas dadas pelo agente dos fenômenos *nem eram de todo verdadeiro, nem de todo falsas*. A segunda comissão, sob a presidência de um advogado, determinou imediatamente o afastamento de Catarina, em virtude das suspeitas de fraude. Estava presente aos trabalhos da comissão o Dr. Langworthy, aquele que levantara a hipótese da ventriloquia, e viera com o propósito de provar o *truque do ventríloquo*. Francamente, admitir que um ventríloquo possa realizar a simulação de pancadas e ruídos tão fortes, tão insistentes como os que se ouviam em Rochester, é caminhar para a vulgaridade ou para a insensatez... Finalmente, a que resultados chegou a nova comissão? Embora tenha confessado ser *impossível determinar a causa dos ruídos*, a comissão não hesitou em declarar que os sons *não eram produzidos por máquina nem ventríloquo*. Ficou provado, portanto, que não havia simulação nem farsa. A causa dos fenômenos, conseqüentemente, estava fora e acima das possibilidades humanas.

Não havia mais dúvida, em grande parte dos assistentes, sobre a realidade dos fenômenos, mas o que se pretendia apurar, e com o maior empenho, era precisamente a *causa*, a razão de ser de todos aqueles fatos. Seria um espírito? Seria alguma força desconhecida? Seria algum agente imponderável, ainda estranho às concepções da Física? Eram as indagações que ocorriam a todos quantos se interessavam pela solução do problema. Organizou-se, por fim, a terceira comissão investigadora. As irmãs Fox passaram pela maior humilhação possível, porque lhes tiraram até as roupas (!) a fim de que não ficasse escondido algum instrumento ou objeto especialmente preparado para produzir os sons. Diz Conan Doyle que a comissão procedeu *com um vigor quase brutal!* (Sic). Nem ao menos os componentes da comissão respeitaram o recato natural da condição feminina: as moças foram *amarradas*, sob a vigilância das senhoras que integravam a comissão. Sob este ponto de vista, as irmãs Fox bem merecem o título de heroínas, porque suportaram todas as humilhações, sofreram os maiores vexames, foram ameaçadas de linchamento pela multidão de fanáticos e turbulentos, viram-se ofendidas no que há de mais digno e respeitável, que é o pudor pessoal, e tudo para que a verdade aparecesse! Apesar de todas as prevenções e o excessivo rigor de seus métodos, a comissão teve de confessar, por força da própria evidência dos fatos, que, enquanto as jovens estavam *amarradas*, sob a fiscalização imediata, *“Todos ouviram distintamente os ruídos nas paredes e no solo”*. E agora? Como negar a autenticidade dos fenômenos diante de provas tão concludentes, diante de testemunhos tão insuspeitos? Continuar a negar, depois disto, é ortodoxia, é birra sistemática, incompatível com todas as regras de uma discussão inteligente e desapaixonada.

Antes das irmãs Fox, muitos casos de “raps” ou golpes medianímicos já haviam sido observados em diversas partes do mundo, sem que, porém, se lhes descobrissem a causa. É longa história das *casas mal assombradas, pancadas misteriosas*, etc. Os fenômenos de Hydesville, entretanto, tiveram repercussão muito maior, em razão das circunstâncias em que ocorreram.

Quem era, afinal, o responsável pelas repetidas pancadas na cabana de Hydesville, uma vez que ficou bem claro não se mistificação nem haver intervenção de qualquer força natural? Eis aí o ponto nevrálgico da questão. Havia, pois, uma entidade *misteriosa*, mas inteligente, tanto assim, que respondia, por meio de pancadas na mesa, a todas as perguntas que lhe eram dirigidas, segundo o processo de linguagem convencional; e as respostas não eram desordenadas, mas coerentes e objetivas. Era um espírito, finalmente. O espírito revelou a identidade, com pormenores, e tudo se confirmou.

Quem era o espírito, em suma? Como se chamara na Terra? Qual a razão de sua presença na cabana habitada pela família Fox? Resumamos os antecedentes narrados pelo próprio espírito. Chamara-se Carlos Rosma. (Martins Velho, escritor espírita, português, diz *Carlos Raya*, ⁴)

⁴ A.A. Martins Velho – “O Espiritismo Contemporâneo” – Lisboa, 1926.

naturalmente apoiado em fontes conceituadas. Outros autores, ⁽⁵⁾ entretanto, afirmam que o nome era Carlos Rosma). A família Fox, que viera morar na cabana em dezembro de 1847, nada sabia a respeito da vida de Rosma. O espírito relatou, então, a sua história: era vendedor ambulante, costumava pernoitar naquele local, e ali mesmo fora assassinado por Bell, morador antigo, mais ninguém soubera do crime; seu cadáver fora enterrado cuidadosamente, altas horas da noite, e tudo ficara em segredo. Eis a razão de sua permanência em Hydesville.

Esta história, embora lógica para quem admite a imortalidade da alma e já não tem mais dúvida sobre a comunicação dos espíritos, poderia ser apenas hipotética, desde que não estivesse confirmada pela verificação dos fatos. É neste ponto, justamente, que está a veracidade, a solidez da história de Hydesville, tão deturpada pela literatura contrária ao Espiritismo. O espírito indicou o local em que ficara o seu cadáver. Fez-se escavação cuidadosa, mas a verdade é que a primeira tentativa não apresentou resultados completos, porque a comissão – composta de um dos membros da família Fox e outras pessoas, que se interessavam em descobrir a sepultura de Rosma – embora tenha encontrado ossada humana, comprovada por laudo médico, não conseguiu localizar os elementos de prova. Nem por isso, deixou-se de descobrir a verdade a respeito da sepultura do antigo vendedor ambulante. Ainda que, mais tarde, não tivesse aparecido o material comprobatório de toda a história narrada pelo espírito, os fenômenos de Hydesville, por si mesmos, já seriam uma prova da sobrevivência da alma, tais foram os resultados positivos das investigações. Todavia, em terreno tão discutido, não queremos argumentar com as nossas conclusões pessoais. Que falem, pois, os fatos.

Mais de meio século depois, quando muita gente nem mais ouvia falar nos “raps” de Hydesville, descobria-se a cova onde fora enterrado o corpo de Carlos Rosma. Não podemos deixar de transcrever a notícia publicada pelo “Boston Journal”, especialmente porque se trata de um jornal que não era espírita. Deu-se o fato no dia 23 de novembro de 1904. Vejamos o que publicou o “Boston Journal”:

“Foram encontrados na casa habitada pelas irmãs Fox, em 1848, restos do homem que se supunha ter sido a causa dos ruídos que se ouviram pela primeira vez na citada casa, vindo este achado a dissipar as últimas sombras de dúvida que podiam pairar sobre a veracidade do que afirmavam ambas as irmãs quanto à comunicação espírita”.

“As irmãs Fox declararam que havia estabelecido comunicação com o Espírito de um homem, o qual informara ter sido assassinado e sepultado na parte inferior da habitação, que ficara entre o soalho e o solo. Repetidas escavações, levadas a efeito para encontrar o cadáver, deram um resultado incompleto, pelo que não pôde obter-se a prova concludente daqueles relatos”.

“A nova descoberta e a almejada confirmação realizaram-na uns escolares, que penetraram no porão da casa de Hydesville, de onde as irmãs Fox tinham ouvido os estranhos ruídos. Guilherme H. Hyde, conhecido vizinho de Clyde e proprietário da casa, mandou fazer minuciosa inspeção, encontrando-se o esqueleto humano, quase completo, entre a terra e os escombros de uma parede da adega meio destruída. Esse esqueleto, sem dúvida alguma, era o do vendedor ambulante assassinado, segundo se diz, há cinquenta e cinco anos num aposento da moradia e, em seguida, enterrado naquele sítio”.

(Transcrição de Alfredo Miguel, na monografia “As Heroínas de Hydesville”).

A localização da sepultura, com todas as provas materiais do crime, inclusive, até, o baú do vendedor ambulante, veio confirmar, após um período de mais de meio século, tudo quanto o espírito revelara sobre a sua identidade, na cabana de Hydesville. A história do Espiritismo, como se vê, não se formou à base de lendas nem de fantasias. Os chamados pontos fracos, insistentemente apontados pelos adversários do Espiritismo, são apenas deficiências pessoais. O exercício da mediunidade, segundo os ensinamentos do Espiritismo, deve ser, em todos os casos, informado por princípios morais inatacáveis; a existência da mediunidade, entretanto, não depende da moralidade nem das ideias religiosas do médium. Quem o diz é Allan Kardec: a faculdade mediúnica propriamente dita *independe do moral*. É função de condições especiais,

⁵ Ernest Thompson – “The History of Modern Spiritualism” – Inglaterra.

ainda que o próprio médium lhe seja contrário. O fator moral tem influência, e grande influência na orientação e na prática da mediunidade, tanto assim que a doutrina espírita prescreve normas básicas de moralidade para o desenvolvimento e o emprego de qualquer faculdade mediúnica, seja para fins humanitários, seja para fins experimentais; mas o fator moral não determina a manifestação da faculdade mediúnica. Loto, o fato de um médium, como Margarida Fox ou qualquer outro, ser acusado de atos abusivos na aplicação de suas faculdades mediúnicas nada prova contra a realidade dos fenômenos.

Outro ponto em que muito se apoiam alguns adversários do Espiritismo é a falada *decadência mediúnica* das irmãs Fox. Este ponto, entretanto, não tem a importância decisiva que se lhe atribui, uma vez que a mediunidade, em qualquer tempo, está sujeita a interrupções, sem que, com isto, se possa obscurecer a evidência dos fenômenos já reconhecidos pelo consenso dos investigadores imparciais. A mediunidade, por mais ostensiva que seja, pode sofrer intermitências. É o que ensina a doutrina espírita:

“Isto acontece frequentemente, qualquer que seja o gênero da faculdade. Mas, também, muitas vezes, apenas se verifica uma interrupção passageira, que cessa com a causa que a produziu” (6)

As causas da perda ou suspensão da mediunidade podem ser orgânicas, psíquicas ou morais. O caso das irmãs Fox pode ser o de uma interrupção causada pela falta de método ou pelo próprio estado de saúde. A doutrina prevê o problema em termos sensatos:

“O exercício muito prolongado de qualquer faculdade acarreta fadiga; a mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica aos efeitos físicos; ela necessariamente ocasiona um dispêndio de fluido, que acarreta a fadiga, mas que se repara pelo repouso”.

Há casos em que, inesperadamente, o médium fica privado de uma faculdade, por motivos ignorados, sem haver incidido em abusos ou atos atentatórios aos padrões de moralidade. Todavia, em determinadas situações, até mesmo por motivos de ordem geral, é aconselhável a suspensão da prática mediúnica, desde que exija a saúde física e mental do médium. A doutrina espírita é clara:

“Há casos em que é prudente, necessário mesmo, a abstenção ou, pelo menos, o exercício moderado, tudo dependendo do estado físico e moral do médium. Aliás, em geral, o médium o sente, e desde que experimente fadiga, abster-se”. (7)

Diversas, portanto, são as causas da *decadência mediúnica*. Médiuns notáveis tiveram interrupção passageira. A Senhor Piper, médium eficiente e respeitável, passou por um período de *decadência* de suas faculdades mediúnicas. (8) Há muitos casos de perda e suspensão da mediunidade. Este fenômeno é mais uma prova de que a mediunidade não depende da vontade do médium. Nada de impressionante nem deprimente há, finalmente, no fato de se haver notado certo declínio nas faculdades mediúnicas das irmãs Fox (Catarina e Margarida), após longos anos de intensa produção mediúnica nem sempre bem cuidada.

Os que apresentam a *decadência mediúnica* das irmãs Fox como argumento contra o Espiritismo – embora se trate de um fenômeno tão explicável como cediço na cronologia dos fatos espíritas – não se lembram de dizer que a crise na mediunidade das irmãs Fox ocorreu já nos últimos anos, quando ambas caminhavam para o ocaso da existência terrena. A *decadência*

⁶ Allan Kardec – “O Livro dos Médiuns” – (Edição da Federação Espírita Brasileira). Vejam-se as observações sobre “Perda e suspensão da mediunidade” – Cap. XVII, item nº 220.

⁷ Allan Kardec – “O Livro dos Médiuns” – (Edição da Federação Espírita Brasileira). “Dos inconvenientes e perigos da mediunidade” – Cap. XVIII, e “Da influência moral do médium” – Cap. XX.

⁸ Ernesto Bozzano – “Metapsíquica Humana”, Cap. II.

psíquica ou moral de um médium não diminui o valor de fatos anteriores. Catarina Fox, por exemplo, ainda em 1871 chamava a atenção de experimentadores dos mais criteriosos na Inglaterra. Sua mediunidade, até aí, não havia sofrido alteração. Era o que dizia Charles Livermore, banqueiro norte-americano, em carta a Benjamim Coleman, então em evidência no movimento espiritualista inglês:

“A Senhora Fox é, indubitavelmente, a mais admirável médium que existe. Seu caráter é irrepreensível e puro. Recebi muitos benefícios através de suas faculdades mediúnicas”.

Talvez a gratidão de Livermore, pelos benefícios recebidos, tivesse provocado o estado emocional em que deixou sair da pena uma expressão evidentemente exagerada e eufórica a respeito da mediunidade de Catarina. É verdade que logo depois, segundo as informações do próprio Livermore, Catarina Fox começou a apresentar sintomas de excitação, o que, aliás, é muito natural em qualquer médium que se excede ou não tem disciplina própria.

Nem tudo o que se propalou a respeito das irmãs Fox é a expressão da verdade, pois, como é fácil compreender, houve muita calúnia, muito ardid para desacreditar o movimento então iniciado nos Estados Unidos. Todavia, no campo propriamente mediúnico, as irmãs Fox tornaram-se passíveis de crítica em razão da falta de ordem. O trabalho psíquico exagerado e a carência de reparação pelo repouso físico produzem perturbação inevitável. Todos estes aspectos estão previstos nos percalços e perigos da mediunidade, quando mal orientada. A mediunidade, como tudo quanto se relacione com a natureza humana, tem seus altos e baixos... Nem sempre o médium se conduz com a prudência capaz de lhe assegurar a indispensável integridade moral e a continuidade do equilíbrio psico-somático. Qualquer médium está sujeito a crises, desde que a mediunidade não encontre as condições que lhe são absolutamente necessárias na ordem moral, como na ordem psíquica e na ordem física. Apesar de tudo, Catarina Fox, em determinado momento, foi um dos melhores instrumentos mediúnicos, porque a sua mediunidade concorreu eficientemente para propaganda das novas ideias na Inglaterra.

William Crookes, autor de uma obra considerada clássica sobre fenômenos de efeitos físicos, experimentou-lhe a mediunidade e deu testemunho de sua correção e segurança. Antes de suas célebres experiências com Florence Cook, o grande físico inglês havia trabalhado com dois outros médiuns de faculdades apreciáveis, e foram eles, precisamente, Douglas Home, de quem falaremos adiante, e Catarina Fox. Ainda hoje há quem diga que as sessões de Crookes não tiveram resultado satisfatório, porque os fenômenos foram simulados na escuridão. Por mais absurdo que pareça, há quem dê curso a tais tolices! Pois bem, é o próprio Crookes, com todo o peso de sua autoridade científica, quem destrói a pueril insinuação de certos detratores do Espiritismo:

“Primeiro que tudo, devo retificar um ou dois erros que se acham implantados no espírito público. Um, o de ser a escuridão essencial à produção dos fenômenos. Isso não é exato. Exceto em alguns casos nos quais a escuridão era uma condição indispensável, como, por exemplo, nos fenômenos de aparições luminosas e alguns outros, tudo o que narro, porém, produziu-se na luz”.

Os trabalhos de Crookes realizaram-se de 1870 a 1873. Catarina Fox estava na Inglaterra. Eis, finalmente, como se pronunciou William Crookes, em referência direta, a respeito de Catarina Fox:

“Esses ruídos, que verifiquei com quase todos os médiuns, têm cada um sua particularidade especial. Com o Sr. Home, são mais variados; mas, quanto à força e regularidade, não encontrei absolutamente ninguém que pudesse aproximar-se da Sra. Kate Fox. Durante vários meses – continua Crookes – tive o prazer de, em inúmeras ocasiões, verificar os fenômenos variados que se produziram em presença desta

Senhora, e foram ruídos que especialmente estudei”. (9).

O Professor Butlerof, da Universidade de S. Petersburgo, também fez experiências com Catarina Fox, em Londres, tendo divulgado, depois, a seguinte declaração, publicada no jornal “O Espiritista”, de 4 de fevereiro de 1876:

“De tudo o que observei, deduzo que os fenômenos peculiares a esta médium são de natureza solidamente objetiva e convincente, e os considero suficientes para que os mais recalitrantes e céticos, se forem honrados, recusem a suspeita de ventriloquia, ação muscular e qualquer outra explicação artificial do fenômeno”. (10).

Outros experimentadores, entre eles Aksakof, igualmente deixaram depoimentos favoráveis a Catarina Fox. As contradições e a decadência porventura observadas na vida de Catarina e Margarida Fox, já nas últimas décadas do século passado, não podem abalar, de forma alguma, os testemunhos insuspeitos, as provas irretorquíveis de fenômenos anteriormente verificados.

Três conclusões decorrem, finalmente, dos documentos citados neste capítulo:

- 1) Os fenômenos de Hydesville e os que se seguiram à fase iniciada em 1848 nada têm que ver com a exploração da mediunidade, uma vez que os desvios de um médium e a falta de escrúpulo de qualquer aventureiro são contingências inerente à imperfeição humana e não invalidam os fatos.
- 2) Embora tenham sido, posteriormente, envolvidas em desavenças domésticas, provocadas por desentendimentos ou querelas de família, as irmãs Fox portaram-se com indiscutível dignidade e espírito de renúncia durante as provas a que se submeteram.
- 3) Consequentemente, nenhuma ocorrência ulterior, seja em relação a procedimentos de ordem moral, seja em relação à prática da mediunidade, poderia comprometer a consistência e autenticidade dos fenômenos que se verificaram por intermédio das irmãs Fox.

Seja como for, e sem o que pressentissem, as irmãs Fox tiveram papel decisivo no advento de um período marcante na evolução do pensamento ocidental. À margem dos erros e da incompreensão dos homens, os fatos ficaram, e ficaram para a História. Passemos a analisar outro ponto de nossa resposta ao livro do escritor e sacerdote católico.

Fonte: “O Espiritismo à Luz da Crítica”, refutação ao livro O Que é o Espiritismo, de autoria do Padre Álvaro Negromonte, série Deolindo Amorim, Volume III, Rio de Janeiro: CELD, 1ª edição, 1993.

⁹ Willian Crookes – “Fatos Espíritos” – (Edição da Federação Espírita Brasileira).

¹⁰ Conan Doyle – Ob. Citada, Cap. V.